

## Inovação social no contexto das cooperativas

Giovana de Souza Filéti, Esp. (Universidade Federal de Santa Catarina) [giovanafileti@gmail.com](mailto:giovanafileti@gmail.com)

Márcia Aparecida Prim, Ms. (Universidade Federal de Santa Catarina) [marciaaprim@gmail.com](mailto:marciaaprim@gmail.com)

Gertrudes Dandolini, Dr<sup>a</sup> (Universidade Federal de Santa Catarina) [gertrudes.dandolini@ufsc.br](mailto:gertrudes.dandolini@ufsc.br)

### Resumo:

Inovação é um tema bastante discutido na atualidade, reconhecido como elemento fundamental para crescimento econômico e criação de vantagem competitiva empresarial. Trata-se da criação de novos produtos, processos, serviços, ou da modificação dos já existentes, de forma a trazer melhores resultados e/ou novos benefícios propiciados por esse “fazer diferente”. A inovação com olhar voltado para o contexto social é chamada de inovação social, e tem por essência, criar novas soluções às necessidades de uma comunidade, inicialmente desprovida de atendimento. O objetivo desta pesquisa é identificar na literatura, as iniciativas de inovações sociais realizadas por cooperativas de diversos setores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, realizada por meio de revisão da literatura na base de dados *Scopus*. Como resultado, pôde-se concluir que as cooperativas, por meio de ações realizadas de forma associativa e colaborativa, fomentam novas possibilidades de melhoria na qualidade de vida dos associados. As iniciativas de inovação social têm caráter multidisciplinar, na forma de inclusão social, envolvendo áreas da saúde, habitação, educação, reintegração de pessoas ao mercado de trabalho, sustentabilidade de energia, entre outras. Nota-se também que essas iniciativas, no contexto das cooperativas, apresentam grande preocupação quanto à preservação do meio ambiente e a sustentabilidade.

**Palavras chave:** Inovação social, cooperativas, novas soluções, caráter multidisciplinar, sustentabilidade.

## Social innovation in the context of cooperatives

### Abstract

Innovation is a subject much discussed at the present time, recognized as a fundamental element for economic growth and the way companies acquire competitive advantage. It is the creation of new products, processes, services, or even the modification of existing ones in order to achieve better results and/or new benefits provided by this "different doing". Social innovation presents itself as a new look at innovation aspects, highlighting the social context with new solutions to the needs and aspirations of a community. Have said that, the objective of this research is to identify in the literature initiatives of social innovations, carried out by cooperatives of diverse sectors to benefit communities. Its about a qualitative, descriptive research, carried out by means of literature review on the basis of Scopus data. As a result, it could be concluded that cooperatives, through actions carried out in an associative and collaborative manner, foster new possibilities for improvement in the quality of life of members. Social innovation initiatives have a multidisciplinary character, in the form of social inclusion, involving areas of health, housing, education, reintegration of people into the labor market, energy sustainability, among others. It is also noted that these initiatives, in the context of cooperatives, are of great concern for the preservation of the environment and for sustainability.

**Key-words:** Social innovation, cooperatives, new solutions, multidisciplinary, sustainability.

## 1. Introdução

Enfrenta-se nos mais variados setores da sociedade, necessidades e problemas nas temáticas de saneamento básico, degradação ambiental, segurança (moradia), desigualdade social (fome, pobreza, saúde e educação) que afetam diretamente grande parte da população (BIGNETTI, 2011; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010). Diante desse cenário e com a ineficiência dos governantes em atender estas demandas sociais, resta a mobilização de indivíduos e/ou entidades que se disponibilizam a trabalhar na busca de soluções inovadoras, com objetivo de proporcionar melhores condições de vida à comunidade (CLOUTIER, 2003; YEASMIN; KEMPPAINEN-KOIVIST, 2017).

Inovação social é um tema incipiente na academia, o volume de trabalhos acadêmicos ganhou destaque em meados de 2006 (PRIM, 2017). O foco da inovação social está em buscar soluções viáveis aos problemas sociais enfrentados por determinada comunidade (BIGNETTI, 2011). Brett Fairbairn (2017), em seu artigo intitulado “Raiffeisen as social innovator”, apresenta Friedrich Wilhelm Raiffeisen, criador das cooperativas de crédito rural e cooperativas agrícolas na Alemanha, no século XIX. No desejo de atender às necessidades da comunidade local, Raiffeisen criou novas formas de ação e organização, que resultaram em novos valores e alternativas, como a experimentação, parcerias e a capacidade de encontrar aliados.

O tema inovação social traz conceitos de diversas áreas do conhecimento, associados à questões voltadas ao desenvolvimento comunitário, como: trabalho colaborativo (SANZO, et al., 2015), sustentabilidade de energia (HITEVA; SOVACOLB, 2017), conjuntos habitacionais (CABRÉ; ANDRÉS, 2017), governança participativa (HITEVA; SOVACOLB, 2017), associações para fins de saúde, trabalho e renda (YEASMIN; KEMPPAINEN-KOIVIST, 2017), cooperativas de microcrédito (VÉZINA; MALO, 2017), agropecuárias e produtores de leite (OKANO; VENDRAMETTO; SANTOS, 2017), entre outros.

A cooperação é assunto muito discutido quando se fala em alternativas para acelerar o desenvolvimento econômico e social dos países (SANZO, et al., 2015; PRIM, 2017). Trata-se de uma forma organizada de unir pessoas e discutir ideias, que, individualmente, apresentariam um grau mais complexo e difícil (FREIRE; SANTOS, 2016). Nesse contexto, o cooperativismo é um construto apresentado como uma forma viável de fortalecer seus associados (GAIGER, 2013) e tem como objetivo aumentar o seu poder de compra e venda, a melhor utilização de recursos, o compartilhamento de conhecimentos, estratégias, a partilha de sobras e perdas de forma a anunciar e buscar novas possibilidades de atuação no mercado. De acordo com Cardoso (2014), as cooperativas têm a missão e filosofia de contribuir para um mundo mais equilibrado e justo, a fim de proporcionar melhores oportunidades para os cooperados. Através desta visão, observa-se que é possível trabalhar pelas causas sociais e pelo desenvolvimento econômico da região, e assim, viabilizar e incentivar a produtividade e a sustentabilidade, não só no viés individual, mas também visando o bem-estar do coletivo.

A relação entre inovação social e cooperativas foi construída pela identificação de pontos em comum nos estudos sobre os conceitos, visto que as cooperativas são associações de pessoas que trabalham de forma organizada e colaborativa, e tal qual na inovação social, buscam soluções e novos arranjos sociais, com foco em atender ao bem comum. A interface entre estes dois termos é uma temática que tem despertado o interesse de pesquisadores, setores sociais, econômicos e políticos, embora muitas pesquisas tenham abrangido as áreas de maneira independente (HITEVA; SOVACOLB, 2017; CABRÉ; ANDRÉS, 2017; (HITEVA;

SOVACOOB. 2017; YEASMIN; KEMPPAINEN-KOIVIST, 2017; V'EZINA;MALO, 2017).

## **2. Problema de pesquisa e objetivo**

Com base nesse contexto e sabendo-se que as cooperativas exercem atividades em diversos setores da economia, busca-se responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais iniciativas de inovação social são realizadas por cooperativas? Assim sendo, o objetivo desta pesquisa é identificar na literatura, as iniciativas de inovações sociais realizadas por cooperativas de diversos setores. Para atingir esse objetivo, foi realizada uma revisão da literatura na base *Scopus*, de cunho qualitativo e descritivo.

## **3. Fundamentação teórica**

Para fundamentar a pesquisa foi realizada uma revisão da literatura. Através deste processo, é possível delimitar o campo de estudo e avaliar os conhecimentos produzidos cientificamente. Os conceitos pesquisados referem-se à inovação social e cooperativas.

### **3.1. Inovação Social**

Há muitos conceitos trazidos por diversos autores com relação à inovação social, de forma que se torna difícil chegar a um consenso sobre sua definição (BIGNETTI, 2011; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010). Trata-se de um tema multidisciplinar, visto que perpassa por diversas áreas do conhecimento como a sociologia, economia, engenharia, estatística, psicologia, enfermagem, entre outras. Possui foco na busca por alternativas aos problemas de desigualdades sociais (fome, pobreza e saúde), saneamento básico, poluição ambiental, segurança, epidemias mundiais e educação. A inovação social, segundo Cloutier (2003), foi mencionada pela primeira vez, em 1970, nos estudos de James B. Taylor e Dennis Gabor, como método e ferramenta para resolver problemas de ordem social.

Segundo Phills, Deiglmeier e Miller (2008) refere-se a uma nova forma de buscar soluções para os problemas sociais, com foco em atender a sociedade como um todo. Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010) acrescentam a este conceito, a capacidade de ação da comunidade, pois afirmam que a inovação social pode ser novas ideias (produtos, serviços e modelos) que além de satisfazerem necessidades sociais, criam novas relações ou colaborações sociais, incentivando a capacidade de ação da sociedade. O conceito de benefício coletivo é apontado por Bignetti (2011) e corroborado por Borges et al. (2015). Para Bignetti (2011, p. 04) a inovação social é o "resultado do conhecimento aplicado à necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral". Já para Borges et al. (2015, p. 07) a inovação social é:

A criação de novos conhecimentos, ou da combinação desses, por meio de um processo intencional, sistemático, planejado e coordenado, derivado da colaboração e do compartilhamento de conhecimento entre diversos agentes, que visa de forma sustentável à mudança social benéfica a um coletivo.

Nesse sentido, a inovação social se apresenta como uma resposta nova à uma situação social considerada não satisfatória, construída de forma colaborativa, que busca atender as necessidades básicas de bem-estar dos indivíduos e das coletividades (CLOUTIER, 2003). Tardif e Harrisson (2005) afirmam que a inovação social é uma resposta dada por iniciativa de atores que buscam atender a uma determinada necessidade, criar soluções, aproveitar oportunidades com o intuito de transformar as relações sociais ou culturais.

Dentro de um cenário, com conceitos diversos e sem um consenso entre os principais autores, Tardif e Harrison (2005), apresentaram algumas dimensões para que se caracterize uma Inovação Social, são elas: 1) transformações; 2) caráter inovador; 3) inovação; 4) atores e 5) processo. Mediante essas cinco dimensões, é possível classificar e avaliar as ações e as condições em que acontecem as inovações sociais. Com relação à dimensão transformações, avalia-se em que contexto estão inseridas as iniciativas, sendo micro e macro ambiente, econômico (relações do trabalho/ produção e consumo) e social (reconstrução e exclusão/ marginalização). Na dimensão caráter inovador, avalia-se em relação ao modelo de trabalho, de desenvolvimento e de governança, bem como fatores voltados para a economia e ação social (programas, políticas, arranjos institucionais). Na dimensão inovação observa-se o tipo de escala (local ou global), os tipos de inovação (técnica, sociotécnica, social, organizacional e institucional), bem como a finalidade. Na dimensão atores avalia-se o envolvimento das organizações, instituições, bem como os movimentos sociais, comunitários e sociedade civil. Na dimensão processo, observa-se o modo de coordenação (participativa, colaborativa, e aprendizagem), os meios utilizados (parcerias, negociação e difusão), bem como as restrições, incertezas, resistência, compromisso e complexidade.

Santos Delgado (2016) também trabalha com alguns elementos essenciais para que uma iniciativa seja considerada uma inovação social, dentre eles: promover a justiça social, apresentar soluções para os problemas reais das pessoas, ser uma ideia nova para um contexto e promover uma mudança na situação atual para melhor.

Salim-Saji e Ellingstad (2016) afirmam que existem diversas publicações envolvendo a inovação social, entretanto, poucos exploram como se faz, de fato, essas ações. O tema é cada vez mais explorado e surgem vários centros de inovações com foco em estudar os problemas sociais no contexto das organizações, fundações, instituições privadas e universidades, a exemplo de *Impact Hub* (primeiro aberto em Londres - 2005), *Social Good* (rede espalhada por diversos países), incubadoras sociais (diversas universidades), Comunidade de Inovação Social (WEST; HANNAFIN, 2011; TOIVONEN, 2016), *Young Foundation* de Londres, *Centre for Social Innovation* Toronto e *Centre for Social Innovation* Viena, *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales* - CRISES e a *Ashoka* criada em 1980 pelo norte-americano Bill Drayton (RUEDE; LURTZ, 2012, p. 02). Dentro desse cenário, o movimento de cooperativismo também é visto como uma iniciativa de inovação social. Nesse sentido, o universo das cooperativas será o próximo tópico a ser estudado neste artigo.

### 3.2. Cooperativas

O cooperativismo surgiu no período da Revolução Industrial, com a organização dos trabalhadores na Inglaterra. Em 21 de dezembro de 1844, na cidade de Manchester, mais especificamente no bairro Rochdale, 28 tecelões uniram forças para comprarem produtos de primeira necessidade, um trabalho coletivo, frente ao aumento do desemprego e aos baixos salários pagos pelas empresas europeias após o início da Revolução Industrial (CARDOSO, 2014). Para realizar essa ação criaram uma associação dos tecelões, que futuramente tornou-se a Cooperativa de Rochdale. O objetivo primeiro dessa cooperativa, era unir capital e aumentar o poder de compra coletiva dos associados. Essa experiência foi levada a outros países, como França e Alemanha, principalmente no ramo “crédito” (CARDOSO, 2014).

No Brasil, o cooperativismo foi inicialmente introduzido por imigrantes europeus, no final do século XIX, mais especificamente nas regiões Sul e Sudeste. Essa nova forma de arranjo social foi criada como uma estratégia para superar as situações de flagrante desamparo em que algumas comunidades viviam (GAIGER, 2013). Nessa época surgiram as cooperativas de

diversos setores da economia, como de consumo, de crédito e agropecuárias, localizadas principalmente no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro (GAIGER, 2013).

Com a emergência de problemas sociais nas cidades, as cooperativas, que na primeira metade do século XX estavam mais ligadas à agricultura, buscaram cada vez mais a expansão urbana. Um dos focos do cooperativismo tem relação à geração de emprego e renda, onde as mesmas podem atuar desde os processos de produção, industrialização, comercialização, crédito (serviços financeiros) e prestação de outros serviços (CARDOSO, 2014).

De acordo com a Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB (2018), existem 2,6 milhões de cooperativas espalhadas em 100 países do mundo, gerando 250 milhões de empregos e congregando 1 bilhão de pessoas. A organização aponta, que se as 300 maiores cooperativas do mundo fossem em um único país, este, seria a 9ª economia do mundo (OCB, 2018).

O Congresso de Praga de 1948, definiu que será considerada como cooperativa "seja qual for a constituição legal, toda a associação de pessoas que tenha por fim a melhoria econômica e social de seus membros pela exploração de uma empresa baseada na ajuda mínima". O cooperativismo é um fenômeno que preconiza a associação e a colaboração das pessoas e/ou grupos, com os interesses em comum, a fim de obter vantagem benéfica a todo um coletivo (CABRÉ; ANDRÉS, 2017). Trata de temas diversos, como auxílio mútuo, soma de esforços e a sobrevivência daqueles que se encontram na mesma situação desvantajosa de competição, etc. (VÉZINA; MALO, 2017).

O cooperativismo é guiado por sete princípios considerados basilares: 1) adesão voluntária e livre; 2) gestão democrática; 3) participação econômica dos membros; 4) autonomia e independência; 5) educação, formação e informação; 6) intercooperação; 7) interesse pela comunidade (OCB, 2018). São os mesmos desde que foi fundada a primeira cooperativa da história, em 1844. Com base nesses princípios, as cooperativas são responsáveis por transformações no contexto social e econômico, a nível local e regional, bem como, melhorar as relações do trabalho, produção e consumo, e propiciar benefícios e parcerias diversas à comunidade inserida (VÉZINA; MALO, 2017).

#### **4. Metodologia**

Para o embasamento teórico deste artigo, foi realizada revisão da literatura. A revisão da literatura é um passo importante para a elaboração e construção do conhecimento (GALVÃO, SAWADA; TREVIZAN, 2004). Através dela, e por se tratar de vários autores que abrem discussões e expõem suas teorias baseadas em novas pesquisas e estudos, pode-se verificar diversos ângulos de um mesmo tema, colaborando na construção e amplitude do conhecimento.

Para verificar o que se tem discutido a respeito desse assunto, foram realizadas pesquisas na base *Scopus* entre os meses de dezembro de 2017 e 10 de maio de 2018. A base *Scopus* foi escolhida por tratar-se da “maior base de dados de citações e resumo de literatura revisada por pares: revistas científicas, livros e conferências” e também por fornecer uma “produção mundial de pesquisa nas áreas de ciência, tecnologia, medicina, ciências sociais e artes e humanidades” (ELSEVIER, 2018).

A busca foi realizada com os temas conjugados “inovação social e cooperativas”, expressão devidamente traduzida para o inglês. O resultado da pesquisa trouxe um total de 54 artigos. Não houve limitações na pesquisa. Todos os artigos foram analisados com a leitura dos resumos e palavras-chave.

Como critério de descarte, foram aceitos para essa pesquisa apenas estudos empíricos. Nesse sentido, o corpus do trabalho totalizou a leitura na íntegra de 23 trabalhos selecionados.

## **5. Discussão**

Após análise dos artigos, constatou-se que inovação social e cooperativismo são construtos de grande impacto social, visto que ambos possuem em seu cerne movimentos de transformações com foco em causar benefício a um coletivo. Observa-se também, que são variadas as contribuições advindas das pesquisas que associam cooperativas à inovação social. Segue abaixo, a análise dos artigos considerados válidos para construção deste artigo.

Michaud e Audebrand (2018) apresentam o *case* do Mult-Stakeholder Cooperatives (MSCs). Uma organização híbrida, que tem como característica principal incluir "membros de apoio" no seu meio. Esses membros de apoio são associados de outras categorias que participam do processo de tomada de decisões e do capital social, sem ser formalmente definidos como usuários dos serviços da cooperativa. Os autores identificam seis papéis principais de membros de apoio, que podem aproximar a comunidade da gestão das cooperativas, com foco em: incluir a comunidade no cooperativo; incluir a cooperativa na comunidade; fornecer influência formal; fornecer influência informal; fornecer recursos humanos (voluntariado); e, fornecer recursos materiais. Este método é inovador e adiciona uma camada de complexidade no empreendimento cooperativo, que exige respostas inovadoras do conselho e da administração, visto a participação efetiva da comunidade.

Yeasmin e Kemppainen-Koivist (2017) trabalham o tema inovação social com um grupo de pessoas desempregadas e sem condições de identificar oportunidades de trabalho na sociedade. Os autores apontam que na Lapônia o índice de desemprego é elevado e causa grandes problemas sociais, sendo um dos principais a exclusão social. Dessa forma, através de um modelo de rede social sustentável e cooperação identificam crenças e valores sociais coletivos, como forma de impedir o desemprego de longo prazo. Apresentam o conceito de empresas sociais como forma dos grupos alvos conseguirem emprego, oferecendo uma oportunidade de trabalho aos cooperados. O desemprego é tema estudado também por Sylvan (2014), onde apresenta os casos de empreendedorismo social e experiências bem-sucedidas no México. Para esses autores a inovação social se torna um elemento-chave no desenvolvimento de novas habilidades e alternativas altamente produtivas, principalmente, no setor verde.

V'Ezina e Malo (2017) demonstram como um banco cooperativo pode gerar inovação social. O Desjardins Environment Fund (DEF), é o primeiro fundo de investimento na América do Norte a incluir critérios extra-financeiros na avaliação ambiental de negócios, exigindo uma espécie de triagem que leva em conta práticas ambientais nas empresas. Questões de origem financeiras também são abordadas por Harrison, Chaari, e Comeau-Vallee (2012). Esses autores demonstraram como desenvolver meios para ajudar pessoas com renda muito baixa em uma situação de cobrança, sugerindo acordos de pagamento que levem em conta a situação financeira atual de cada cliente, com base na recombinação dos valores de justiça e solidariedade. O processo de inovação foi enraizado na troca de conhecimento e acesso a recursos com base na expertise dos atores.

Almeida, Mello, e Etzkowitz (2012) tratam de uma cooperativa brasileira e abordam questões de exclusão social, pobreza e desemprego, capacitando os moradores das favelas a criar seus próprios empregos. Através da ampla difusão, a incubadora cooperativa brasileira permite abordar a questão do crescimento em empreendimentos sociais bem como suas parcerias.

Kolk e Lenfant (2015) também abordam as questões de parcerias, apresentam o *case* do café na República Democrática do Congo. Em seu estudo, demonstraram que os resultados no nível organizacional melhoraram o funcionamento das cooperativas locais, desde o nível do agricultor, até o nível da comunidade (tensões reduzidas e processos mais colaborativos).

Bernardino e Santos (2017) trazem um estudo de caso da cooperativa portuguesa, Terra Chã, que trabalha a inovação social como uma solução viável para revitalizar o tecido socioeconômico da região. Através da criação de novas atividades econômicas embasadas nas características montanhosas da aldeia e no conhecimento de seus habitantes, a cooperativa desenvolveu várias atividades que podem ser agrupadas em cinco categorias principais: a) acomodação e restauração; b) turismo e natureza; c) atividades de silvicultura e médio ambiente; d) apicultura; e) artesanato.

Cabré e Andrés (2017) apresentam uma cooperativa de habitação sem fins lucrativos - La Borda, que devido à crise, o aumento do desemprego e baixos salários, tornou-se uma saída para a questão de moradia. Trata-se de um movimento cooperativo preocupado em fornecer habitação a preços acessíveis. Conta com um trabalho voluntário, onde os membros entram com seu tempo e conhecimentos em busca de soluções sustentáveis para as necessidades de habitação. O projeto é financiado 29% por uma cooperativa de crédito e o restante através de títulos participativos, de taxas pagas por inquilinos, contribuições voluntárias e subsídios. A inovação social através da habitação comunitária também é estudada por Bouchard (2006).

Marchard e Leitão (2013) descrevem o trabalho da cooperativas de artesanato Atikamekw que estabeleceu uma parceria com o grupo de pesquisa Design & Culture Matérielle, na busca de novas formas de trabalho e workshops criativos, como objetivo de projetar produtos inovadores que incorporassem a identidade cultural Atikamekw ao mercado global. Neste sentido, apresentou o uso do design como um meio de capacitação em comunidades nativas.

O artigo de Hiteva e Sovacoolb (2017) apresenta estudos de caso realizados na Carbon Coop, Robin Hood Energy, RenEsco e Yansa Community Interest Company, e discutem os princípios da justiça energética: distribuição de custos e benefícios, acessibilidade, maior participação no processo e tomada de decisões. A Carbon Cooperative chama os indivíduos a contribuírem com o seu conhecimento no melhoramento das casas, a fim de reduzir o consumo de energia elétrica doméstica; a Robin Hood Energy compra energia a granel no mercado aberto e fornece gás e eletricidade ao preço mais baixo possível, combina a experiência de especialistas locais e estrangeiros em eficiência em energia e energia renovável. A RenEsco inclui uma vasta gama de atividades destinadas a melhorar a eficiência em energia, como a reparação e isolamento de paredes principais, telhados e fundações; renovação de sistemas de aquecimento e água quente; restauração de isolamento de tubos; instalação de sistemas de monitoramento de energia. E o quarto estudo: a Yansa, que, para diminuir o valor e pensar em energia sustentável, desenvolveu projetos de turbinas eólicas para comunidades rurais e buscou trabalhar com a comunidade na avaliação de recursos, treinamento e conscientizações.

Magnani e Osti (2016) também focam sua pesquisa neste assunto, abordando o envolvimento da sociedade civil na produção e gestão de energias renováveis. A maioria participa com instalações solares fotovoltaicas para a produção e consumo de eletricidade. O número de membros de cooperativas solares italianas, se comparado a outros países europeus, é geralmente pequeno e raramente ultrapassa os cem. Para essas cooperativas, o importante é reduzir o custo da eletricidade para famílias individuais e, com uma parte do lucro, investir em projetos de desenvolvimento local. A transição para um sistema de energia sustentável implica a mobilização das comunidades locais e a produção local de energia renovável.

Observa-se cada vez mais a preocupação em relação ao consumo e produção de energia e os papéis que os cidadãos ocupam nesse processo. Pesquisas são realizadas e chamam a atenção para a forma como as redes de energia da comunidade proporcionam uma inovação social ao mesmo tempo que buscam um sistema de energia descentralizado, sustentável e limpo. Segundo Van der Schoor et al. (2016, p. 95), “a alemã Energiewende mostra cada vez mais as enormes mudanças sociais provocadas por um grande número de instalações fotovoltaicas individuais e pequenas, num período de tempo relativamente curto”, e completam: “pequenas instalações de biomassa, bombas de calor e instalações solares térmicas são tecnologias apropriadas para o indivíduo que deseja se tornar mais independente do fornecimento centralizado de energia”.

Okano, Vendrametto e Santos (2017) demonstram em um estudo de caso, que os produtores da Associação de Produtores de Leite da Fartura – SP, obtiveram diversos benefícios econômicos e sociais ao se organizarem como um Arranjo Produtivo Local ou Redes Sociais. Através de investimentos tecnológicos e em processos de produção, aumentaram a qualidade e a produção do leite, e com isso, obtiveram melhor remuneração por litro. Esse desenvolvimento do capital local também é tratado por Kennedy, Cohen e Krogman (2015), onde descrevem o programa "Liberar Capital Local" (RLC), uma inovação cooperativa para reter o capital na comunidade local e investir em empresas comunitárias.

Riva-Mossman et al. (2016); Angelini et al. (2016), falam sobre Senior Living Lab (SLL), um laboratório social que busca reinventar o envelhecimento, mudar as atitudes sociais para incentivar cada vez mais a participação de idosos na comunidade. Essa inclusão do idoso também é estudada por Tan et al. (2014), que apresenta o estudo de caso do Corpo de Experiência Baltimore City, onde recruta e insere voluntários escolares a partir de 55 anos com o objetivo de reforçar os papéis de tutoria nas escolas primárias públicas, e dessa forma, lhes trazer benefícios, como a reinserção social.

Um caso que chama atenção pela autogestão e pelo cooperativismo dos trabalhadores, é apresentado por Vieta (2010), que mostra empresas argentinas recuperadas por trabalhadores (ERTs). O autor mapeia inovações sociais lideradas nesse processo, avaliando as transformações sociais e econômicas que essas inovações prefiguram, especialmente durante tempos econômicos difíceis, podendo citar: a) práticas de reciclagem de materiais remanescentes de processos de produção, para propósitos econômicos e ecológicos; b) aproximar os credores com alianças coletivas “menos arriscadas” de ERTs que, com efeito, abordam de forma criativa os benchmarks (processo de comparação de produtos, serviços e práticas empresariais, sendo um importante instrumento de gestão das empresas) para avaliação de risco do sistema bancário; c) acesso a fontes de financiamento governamentais e programas de desenvolvimento de parceria com equipes de pesquisa de universidades, ONGs estrangeiras ou outras iniciativas de pesquisa, trabalhando em conjunto com as ERTs; d) organizando campanhas de fundos “solidários” para a vizinhança; e) estabelecendo redes de especialistas, facilitadas por programas universitários de institutos técnicos para ajudar nas tarefas administrativas e na reparação tecnológica; e f) o surgimento de “economias de solidariedade” entre as ERTs.

Cervia (2015) analisou a participação da comunidade na elaboração de Plano Social para a Deficiência na SdS North-West Florence. Foi um processo participativo, onde a comunidade local conseguiu sugerir e encontrar respostas compartilhadas para questões de saúde há muito tempo não resolvidas. Esses processos participativos são observados por Medvedeva (2012) ao descrever a forma como a Rússia desenvolveu capacidades inovadoras nas pessoas, na busca de criar uma economia moderna que requer um novo tipo de trabalhador e consequentemente nova forma de gestão mais cooperativa.

As cooperativas de forma geral, além de mostrarem resultados no nível organizacional, apresentando melhor funcionamento, beneficiam e geram resultados em níveis econômicos para os associados e em prol das necessidades da comunidade (KOLK; LENFANT, 2015; BERNARDINO; SANTOS, 2017; OKANO; VENDRAMETTO; SANTOS, 2017).

Mediante análise dos artigos apresentados, observa-se que as cooperativas, nas suas mais variadas competências, apresentaram iniciativas de inovação social. De acordo com Cardoso (2014), por terem reconhecimento no Brasil como empreendimentos coletivos, diz-se que, para o enfrentamento de qualquer problema econômico ou social, é possível constituir uma cooperativa. Essa afirmativa é observada nos diversos artigos pesquisados e nas suas diversificadas áreas. Artigos que, através de seus autores, descreveram a inovação social em relação à habitação, saúde, educação, crédito, trabalho, agropecuária, setor energético, meio ambiente, participação comunitária, incapacidades físicas e infância vulnerável. Dessa forma, percebe-se que, após a identificação do problema, necessidade ou aspiração social, surgiram novas soluções que foram implementadas, cabendo, em se tratando de inovação social, da replicação e da ampla divulgação de seus benefícios.

## 5. Conclusão

O cooperativismo tem a capacidade de unir indivíduos para trabalharem por causas comuns, de conseguir grandes feitos econômicos e sociais. Essa força, e os resultados observados pelas cooperativas, se alimentam das trocas de conhecimento entre indivíduos de diversos setores, organização e força de trabalho. Da união financeira, há melhores condições de barganhar valores de compra e venda de produtos, aumentar capital e reaplicar esses recursos em benefício próprio, bem como, da comunidade. Do compromisso com o bem comum, ações que favorecem não só os cooperados, mas a comunidade de um modo geral, como visto nas iniciativas apontadas pelos artigos. Vê-se o trabalho direcionado à energia sustentável, com a preocupação ambiental e menores custos; preocupação com saúde, com atendimentos mais qualificados, repensado por profissionais de vários setores e áreas; moradias planejadas e com pagamento facilitado; micro créditos a quem não tem como comprovar renda, são algumas das ações apontadas na pesquisa e que fazem as cooperativas serem cada vez mais valorizadas pela sociedade como um todo.

As cooperativas são classificadas como atores do processo de inovação social, visto que oferecem soluções para problemas, necessidades e aspirações identificadas na sociedade. Ao praticarem atividades de inovação social, fazem valer o propósito do cooperativismo, a base colaborativa de indivíduos que se unem para o bem comum e em torno dos mesmos valores, levando soluções novas às comunidades que sofrem pelo descaso do governo. Pela falta, muitas vezes, de divulgação dessas ações praticadas, e logo, pela perda de compartilhamento com outros indivíduos e entidades, vê-se um trabalho que poderia ser potencializado, se restringir a uma localidade. O estudo e a divulgação do que é realizado pelas cooperativas em benefício da população, busca gerar mais ações semelhantes e em lugares distintos. Além disso, trata-se de compartilhar conhecimento, acompanhar resultados, identificar possíveis falhas, incrementando, alterando, transformando em novas formas de fazer, e o principal, sem perdas do que já foi gerado e aplicado.

Esta pesquisa poderá auxiliar no entendimento sobre as maneiras pelas quais inovações sociais cooperativas entre diferentes setores econômicos e grupos sociais podem ser ativadas. Seguindo a literatura e como resultado de análises de casos de experiências bem-sucedidas de desenvolvimento comunitário, é possível identificar cinco elementos-chave que as práticas de sucesso têm em comum: primeiro, a criatividade, como ponto de partida para gerar um novo

produto, processo ou serviço, ou transformar um já existente; segundo, o valor, criado quando uma inovação surge como uma solução para um problema; terceiro, uma atmosfera colaborativa, que promove a iniciativa individual e o engajamento da comunidade; o quarto elemento são as expectativas individuais, incluindo a iniciativa individual e a tolerância aos erros, o que incentiva o esforço individual; e por fim, o quinto elemento, trabalho em rede, que baseia-se em grupos de interesses especiais auto-organizados com poucos incentivos financeiros para endossar a inovação social, de modo que indivíduos e organizações também desenvolvam instrumentos de reconhecimento bastante interessantes para engajar novos participantes e garantir sua sustentabilidade.

## **Referências**

**ALMEIDA, M., DE MELLO, J.M.C., ETZKOWITZ, H.** *Social innovation in a developing country: Invention and diffusion of the Brazilian cooperative incubator*. International Journal of Technology and Globalisation, 6 (3), pp. 206-224, 2012.

**ANGELINI, L., CARRINO, S., KHALED, O.A., RIVA-MOSSMAN, S., MUGELLINI, E.** *Senior living lab: An ecological approach to foster social innovation in an ageing society*. Future Internet, 8 (4), art. no. 50, 2016.

**BERNARDINO, S., SANTOS, J.F.** *Local development through social and territorial innovation: An exploratory case study*. CIRIEC-Espana Revista de Economia Publica, Social y Cooperativa, 1 (90), pp. 159-187, 2017.

**BIGNETTI, L. P.** *As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa*. Ciências Sociais Unisinos, v.47, n.1, p. 3-14, 2011.

**BOUCHARD, M. J.** *From experimentation to positive institutionnalization: Social innovation in community housing in Québec [De l'expérimentation À l'institutionnalisation positive: l'innovation sociale dans le logement communautaire au Québec]*. Annals of Public and Cooperative Economics, 77 (2), pp. 139-166, 2006.

**BORGES, M. A. et al.** *Inovação Social: uma gênese a partir da visão sistêmica e teoria da ação comunicativa de Habermas*. Fourth International Conference on Integration of Design, Engineering and Management for innovation. Florianópolis, 2015.

**CABRÉ, E., ANDRÉS, A.** *La Borda: a case study on the implementation of cooperative housing in Catalonia*. International Journal of Housing Policy, pp. 1-21, 2017

**CARDOSO, U. C.** *Cooperativa*. Série Empreendimentos Coletivos– Brasília : Sebrae, 2014.

**CERVIA, S.** *The practices of active citizenship as medium of social innovation: The Social Plan for Disability in SdS North-West Florence as case study [Le pratiche di cittadinanza attiva come strumenti di innovazione sociale: Il caso del Piano Sociale per la Disabilità nella SdS Firenze Nord-Ovest]* Salute e Società, pp. 129-140, 2015.

**CLOUTIER, J.** *Qu'est-ce que l'innovation sociale?* Crises, ET0314. 2003.

**DUFOUR, S., LESSARD, D., CHAMBERLAND, C.** *Facilitators and barriers to implementation of the AIDES initiative, a social innovation for participative assessment of children in need and for coordination of services*. Evaluation and Program Planning, 47, pp. 64-70, 2014.

**ELSEVIER** - <https://www.elsevier.com> > Página Inicial > Revisores. Acesso em 25/02/2018

**FAIRBAIRN, B.** *Raiffeisen as social innovator*. Annals of Public and Cooperative Economics, 88 (3), pp. 425-448, 2017.

**GAIGER, L.I.** *A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 28, nº. 82, jun. p. 211-228 Associação Nacional de PósGraduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Brasil, 2013.

**GALVÃO, C. M.; SAWADA, N. O.; TREVIZAN, M. A.** *Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem*. Rev. Latino-am Enfermagem. 12(3):549-56. Maio-junho, 2004.

**HARRISSON, D., CHAARI, N., COMEAU-VALLÉE, M.** *Intersectoral Alliance and Social Innovation: When Corporations Meet Civil Society*. Annals of Public and Cooperative Economics, 83 (1), pp. 1-24, 2012.

**HITEVA, R.; SOVACOL, B.** *Harnessing social innovation for energy justice: A business model perspective.* Energy Policy, 107, pp. 631-639, 2017.

**KENNEDY, E.H.; COHEN, M.J.; KROGMAN, N.** *Putting sustainability into practice environmental civic practices: synthesizing individual and collective sustainable consumption.* Edward Elgar Publishing, Inc. William Pratt House 9 Dewey Court Northampton Massachusetts, USA: 2015.

**KOLK, A.; LENFANT, F.** *Cross-sector collaboration, institutional gaps, and fragility: The role of social innovation partnerships in a conflict affected region.* Journal of Public Policy and Marketing, 34 (2), pp. 287-303, 2015.

**LEIS** - [http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/leis/L5764.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/L5764.htm). Acesso em 25/02/2018.

**MAGNANI, N.; OSTI, G.** *Does civil society matter? Challenges and strategies of grassroots initiatives in Italy's energy transition.* Energy Research and Social Science, 13, pp. 148-157. 2016.

**MARCHARD, A.; LEITAO, R.M.** *Design as a means of empowerment in native communities: Innovative Atikamekw products dedicated to the global marketplace.* International Journal of Design in Society, 7 (2), pp. 87-101, 2013.

**MARS, M.M.** *Extending the legacy of the land grant institution as a social innovation: A new vision for university technology transfer and entrepreneurship.* Advances in the Study of Entrepreneurship, Innovation, and Economic Growth, 24, pp. 209-226, 2014.

**MEDVEDEVA, T.A.** *Developing an innovative style of thinking and innovative behavior.* Systemic Practice and Action Research, 25 (3), pp. 261-272, 2012.

**MICHAUD, M.; AUDEBRAND, L. C.** *Inside out, outside in: "supporting members" in multi stakeholder cooperatives.* Management Decision, 2018. <https://doi.org/10.1108/MD-01-2017-0042>

**MURRAY, R.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G.** *The open book of social innovation.* London: The Young Foundation, 2010.

**OKANO, M.T.** *Interorganisational networks and social innovation: A study in milk production chain.* International Journal of Innovation and Sustainable Development, 11 (4), pp. 317-335, 2017.

**ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS.** Sistema OCB ><http://www.ocb.org.br/o-que-e-cooperativismo>. Acesso em 24/02/2018.

**PHILLS, J. A.; DEIGLMEIER, K.; MILLER, D.T.** *Rediscovering Social Innovation.* Stanford Social Innovation Review, Fall, 34-43. 2008.

**PRIM, M. A.** *Elementos constitutivos das redes de colaboração para inovação social no contexto de incubadoras sociais.* Dissertação de mestrado do Departamento de Engenharia e Gestão do Conhecimento. 2017.

**RIVA-MOSSMAN, S.; KAMPEL, T.; COHEN, C.; VERLOO, H.** *The senior living lab: An example of nursing leadership.* Clinical Interventions in Aging, 11, pp. 255-263, 2016.

**SANZO, M. J. et al.** *Business-nonprofit partnerships: a new form of collaboration in a corporate responsibility and social innovation context.* Service Business, p. 1-26, 2015.

**SCOPUS.** <https://www.elsevier.com/americalatina/pt-br/scopus>. Acesso em 19/02/18.

**SEBRAE** - <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos>. Acesso em 20/02/2018.

**SYLVAN, A.M.** *Social innovation, entrepreneurship and new green jobs: Successful experiences in Mexico.* Innovative Institutions, Public Policies and Private Strategies for Agro-Enterprise Development, pp. 151-167, 2014.

**TAN, E.J.; MCGILL, S.; TANNER, E.K.; CARLSON, M.C.; REBOK, G.W.; SEEMAN, T.E.; FRIED, L.P.** *The evolution of an academic-community partnership in the design, implementation, and evaluation of experience corps® Baltimore City: A Courtship Model.* Gerontologist, 54 (2), pp. 314-321, 2014.

**TARDIF, C.; HARRISSON, D.** *Complémentarité, convergence e transversalité: La conceptualization de l'innovation sociale.* IN: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovation Sociales. Cahiers du CRISES. Québec, 2005



## VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Ponta Grossa, PR, Brasil, 05 a 07 de dezembro de 2018

**VÉZINA, M.; MALO, M.-C.; BEN SELMA, M.** *Mature social economy enterprise and social innovation: the case of the desjardins environmental fund.* Annals of Public and Cooperative Economics, 88 (2), pp. 257-278. 2017.

**VIETA, M.** *The social innovations of autogestión in Argentina's worker-recuperated enterprises: Cooperatively reorganizing productive life in hard times.* Labor Studies Journal, 35 (3), pp. 295-321, 2010.

**YEASMIN, N.; KEMPPAINEN-KOIVIST, R.** *The Sociopolitical Determinants of Social Entrepreneurship Action: A Qualitative Analysis.* South Asian Journal of Business and Management Cases 6(1) 47–60. Birla Institute of Management Technology SAGE Publications, 2017.

**YOUNG, H.P.** *The dynamics of social innovation.* Department of Economics, University of Oxford, Oxford OX1 3UQ, United Kingdom, 108 (SUPPL. 4), pp. 21285-21291, 2011.

**SANTOS DELGADO, A. A.** *Framework para Caracterizar La Innovación Social sobre Sus Procesos.* Tese. Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

**SALIM-SAJI, B.; ELLINGSTAD, P.** *Social innovation model for business performance and innovation.* International Journal of Productivity and Performance Management , Vol. 65 Iss 2. 2016.

**TOIVONEN, T.** *What is the Social Innovation Community? Conceptualizing an Emergent Collaborative Organization.* Journal of Social Entrepreneurship. Pages 49-73. 2016.

**WEST, R. E.; HANNAFIN, M. J.** *Learning to design collaboratively: Participation of student designers in a Community of Innovation.* Instructional Science. Volume 39, pp 821–841.2011.

**RUEDE, D.; LURTZ, K.** *Mapping the various meanings of social innovation: Towards a differentiated understanding of an emerging concept.* EBS Business School Research Paper, n. 12-03. 2012.